

80117 - Samora

SADCC2

O INIMIGO COMUM DA ÁFRICA AUSTRAL É O SUBDESENVOLVIMENTO EM QUE NOS ENCONTRAMOS

O Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, abriu ontem, no Clube Militar, em Maputo, a segunda Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento da África Austral (SADCC-2), com um importante discurso atentamente seguido por todos os presentes e no qual falou de vários assuntos ligados à estratégia adoptada pelos nove países desta região da África com vista a que possam, em conjunto, vencer o subdesenvolvimento em que vivem. Passamos a transcrever o texto do referido discurso:

Senhor Presidente,
Senhores Chefes das Delegações de Países e Organizações Internacionais
Distintos Delegados

É com satisfação que a República Popular de Moçambique acolhe em Maputo a Segunda Conferência da Cooperação dos Países da África Austral.

Estão presentes nesta Conferência nove países em que os reflexos da dominação colonial ainda hoje se fazem sentir no seu atraso económico.

Nesta Conferência estão representantes dos cinco continentes, estão presentes países com diferentes graus de desenvolvimento, estão presentes organismos económicos e financeiros internacionais.

Todos, na diversidade dos sistemas económicos, procuram aqui estabelecer uma plataforma comum de acções concretas visando promover o desenvolvimento desta zona de África.

A todos os Delegados damos as boas vindas à República Popular de Moçambique.

No início desta Conferência, rendemos homenagem



«A realização de reuniões e conferências sobre a cooperação regional corresponde a uma fase qualitativamente nova na África Austral.» — Presidente Samora Machel

gem à memória de SIR SERETSE KHAMA, Presidente da República do Botswana, nosso querido amigo.

O Presidente SERETSE KHAMA foi um lutador corajoso pela libertação do seu povo e dos povos da África Austral. Com uma compreensão profunda da necessidade do combate pela independência económica, como factor essencial da libertação completa dos nossos Povos, o Presidente SERETSE KHAMA foi dinamizador consequente da batalha comum que é travada pelos nove países desta região.

Enalteçamos as acções desenvolvidas pela República do Botswana que, como país coordenador do Programa de Lusaka, não se poupou a esforços na criação de condições necessárias para o êxito dos trabalhos desta Conferência.

Senhor Presidente,

A realização de reuniões e conferências sobre a cooperação regional, corresponde a uma fase qualitativamente nova na África Austral. Ela resulta do desenvolvimento do processo da luta de libertação nacional na nossa zona, que já entrou na sua fase final. Além da libertação da Namíbia e da eliminação do apartheid na África do Sul, a questão essencial que se coloca agora é a do desenvolvimento acelerado dos países da África Austral. Desenvolvimento que permita a promoção do bem-estar material e social dos povos.

É neste contexto que a independência do Zimbábue abriu perspectivas novas para a edificação da paz e da cooperação nesta região.

Para a instauração deste clima favorável contribuíram decisivamente a força, determinação e coesão dos Países da Linha da Frente que souberam assumir o combate para a libertação total da África Austral. Contribuiu também a solidariedade das forças progressistas e democráticas do mundo inteiro.

A vontade política que move os Países da Linha da Frente, a sua prática, a experiência acumulada durante estes anos, e, em particular, as acções concertadas e os sacrifícios consentidos constituem uma base de unidade que permite enfrentar com maior determinação o novo desafio que se apresenta aos nossos Povos, a luta pela libertação económica.

Na sua acção, os Países da Linha da Frente têm-se caracterizado por um funcionamento rápido e eficaz, sem uma institucionalização que desse origem a um aparelho pesado e dispendioso.

A independência do Zimbábue e a unidade forjada na acção comum dos países da Linha da Frente permitiram criar as condições para que todos os paí-

ses da zona se juntassem no combate por um desenvolvimento regional harmonioso e independente.

Os nossos Nove Países, desde a Conferência de Lusaka, têm desenvolvido com sucesso um estilo flexível de trabalho, que pensamos dever ser mantido como característica da nossa cooperação.

No desenvolvimento da nossa cooperação, é decisivo prosseguir o combate para a eliminação dos últimos focos do colonialismo, do racismo e do apartheid que o regime sul africano persiste em manter na Namíbia e na África do Sul.

A libertação da Namíbia e da África do Sul constitui condição indispensável para a construção de um clima de paz e estabilidade duradouras, necessário à cooperação de todos os países da zona, sem excepção.

Senhor Presidente,

Nos nossos países encontramos a contradição gritante entre a dimensão dos recursos que possuímos e o atraso económico em que vivemos.

Os nossos países não são pobres. As suas riquezas têm sido mantidas em estado latente, desperdiçadas ou utilizadas sem proveito para os nossos Povos.

Na África Austral encontra-se uma das mais importantes concentrações de recursos naturais do Mundo.

Possuímos fabulosas reservas minerais. Possuímos extensos recursos de carvão, diamante, petróleo, gás, cobre, bauxite, cromo, urânio, tantalite, pegmatites e outros.

A riqueza energética constituída pelo carvão, o gás, o petróleo, junta-se um enorme potencial hidroeléctrico, essencial para o desenvolvimento da nossa base industrial.

Possuímos uma enorme e multifacetada potencialidade agrícola, ainda quase completamente desaproveitada. Terras férteis estendem-se por áreas de climas diversificados. Podemos desenvolver a cultura extensiva duma grande variedade de produtos desde a mandioca, o milho, o trigo, cana de açúcar, ao algodão, ao sisal, café e chá, desde as frutas tropicais às frutas de climas temperados.

Abundantemente irrigada, com extensos e ricos vales de grandes rios, a nossa zona tem todas as condições para ser um dos mais importantes celeiros da África, reunindo ainda excelentes características para a produção pecuária e vastos recursos florestais, onde abundam madeiras preciosas como umbila, jambire, pau-rosa, pau-preto, sândalo. Os rios, os lagos e o litoral são ricos em peixe, camarão, lagostas e outros crustáceos.

Toda esta riqueza permanece ainda inerte ou é desperdiçada, como as águas dos rios que se perdem no mar sem gerarem energia ou irrigarem os campos. Toda esta riqueza torna ainda mais dramático e incoerente o estado agudo de subdesenvolvimento a que a dominação colonial votou os nossos países.

Os efeitos da dominação colonial estão ainda presentes nos nossos países. Eles não ficaram restritos ao longo período histórico durante o qual os nossos países foram colonizados. A dominação deixou os nossos países sem economia própria, umbilicalmente ligados às antigas metrópoles coloniais. A ideologia do colonialismo gerou a mentalidade de dependência, o espírito fatalista, a aceitação passiva da miséria, a convicção da incapacidade de transformar a realidade.

A luta contra o subdesenvolvimento é, primeiro que tudo, a luta pela descolonização mental, a rejeição do paternalismo, a aquisição do conhecimento da importância dos nossos recursos e da consciência da nossa força e capacidade.

Andamos subnutridos, sofremos os efeitos das secas e das inundações quando possuímos terras férteis e abundantes recursos de água.

Andamos nus, quando produzimos e exportamos todas as matérias-primas que alimentam e impulsionam grandes complexos da indústria têxtil.

Os nossos povos são laboriosos, deram provas evidentes da sua capacidade de trabalho nas condições mais difíceis. O analfabetismo, a falta de quadros técnicos, são as limitações mais graves ao desenvolvimento da produtividade nos nossos países.

A exploração e a pilhagem colonial a que fomos submetidos provocaram graves deformações e distorções na economia dos nossos países.

Elas exprimem-se no facto de as nossas economias se caracterizarem por rendimentos per capita reais que se situam entre os mais baixos do mundo, apesar das riquezas imensas que os nossos países possuem.

As economias dos países da África Austral foram concebidas e organizadas em função da África do Sul.

A África do Sul foi transformada no polo de atracção da zona. Para ela confluem as redes de estradas e ferroviárias. Para ela eram canalizados os excedentes de mão-de-obra dos países da região, pagos a preços irrisórios e submetidos a um regime desumano e racista. A África do Sul tornou-se no centro fornecedor de matérias-primas, de equipamento e de servi-

ços para as indústrias subordinadas existentes na região.

Por este processo, cujo início remonta à organização do sistema de exploração colonial nos fins do século passado, os nossos países foram subordinados à África do Sul e economicamente acorrentados às masmorras do apartheid. Esta dependência constitui uma condicionante fundamental da situação de subdesenvolvimento em que os nossos países se encontram.

A luta que travamos pela redução da dependência, em particular em relação à África do Sul, é parte integrante e essencial da luta pelo direito dos nossos Povos ao desenvolvimento que lhes permita usufruir dos frutos do seu trabalho.

Por outro lado, a dependência dos nossos países em relação à África do Sul foi concebida como um instrumento para o fortalecimento e da defesa do regime do apartheid, condenado por toda a comunidade internacional.

A luta pela real independência económica dos nove países não é um processo fechado. Ela insere-se na luta geral da humanidade pela libertação política, pela emancipação económica e social dos Povos. Consolidar a independência dos países livres da região, significa enfraquecer o regime racista e criar as condições para que os povos ainda dominados possam participar plenamente neste nosso grandioso projecto.

Logo que a Namíbia seja independente e o apartheid seja liquidado na África do Sul, estes países poderão com pleno direito beneficiar das vantagens de cooperação regional que estamos a estabelecer.

A luta pelo aproveitamento dos recursos naturais da nossa zona em benefício dos nossos povos não é dirigida contra qualquer país ou grupo de países. Ela não entra em conflito com qualquer das demais instituições regionais e inter-regionais existentes. O subdesenvolvimento em que se encontra a África Austral é o inimigo comum.

Para o nosso desenvolvimento devemos contar, em primeiro lugar, com as nossas próprias capacidades e experiência. É indispensável, para isso, fazermos a inventariação da capacidade e experiência de cada um dos nossos nove países em todos os sectores de actividade, para podermos beneficiar delas na nossa cooperação.

Contamos com a participação de todos os países e organizações, na base duma cooperação mutua-

economias um instrumento eficaz da nossa luta comum.

Os programas que queremos implementar situam-se em diversos domínios, visando assegurar o aproveitamento do enorme potencial produtivo e comercial que a nossa região possui.

A semelhança do que sucede na maioria dos países subdesenvolvidos, também nos nossos países, uma elevada percentagem da população vive da agricultura, sector básico, cujo desenvolvimento é prioritário. O desenvolvimento e aproveitamento racional deste sector, através da aplicação de meios tecnológicos e utilização de meios financeiros apropriados são essenciais para eliminarmos a fome, um dos maiores flagelos com que se confrontam os nossos povos.

Do desenvolvimento da agricultura depende também a geração de excedentes alimentares indispensáveis ao estabelecimento do sistema de segurança alimentar.

Finalmente, a produção agrícola deve transformar-se numa base sólida da nossa industrialização, condição essencial no processo de libertação definitiva da dependência e do subdesenvolvimento.

Os efeitos da conjuntura mundial que hoje vivemos reflectem-se nas nossas economias e constituem uma ameaça à concretização da nossa estratégia de desenvolvimento. A inflação mundial, que afecta as nossas economias em geral, repercute-se de forma particularmente grave nos países economicamente atrasados.

A subida vertiginosa dos preços, em particular dos equipamentos e do petróleo, com uma correspondente subida no preço das matérias-primas de que somos produtores, agrava seriamente a situação económica dos países em desenvolvimento e pode constituir um factor de discórdia.

A situação actual neste campo impõe-nos a procura de formas de aproveitamento integral dos recursos existentes nos nossos países. Designadamente no sector energético, os recursos hídricos, correctamente aproveitados, permitirão fornecer grande parte da energia necessária ao desenvolvimento dos nossos programas regionais.

A coordenação e desenvolvimento dos sistemas de transportes e comunicações da nossa zona é um aspecto fulcral de cooperação regional.

Do desenvolvimento do sector dos transportes e comunicações, beneficiarão todos os países da zona pela importância que ele reveste para a cooperação, para o escoamento normal das matérias-primas, a troca de produtos entre os países da região e entre estes e o exterior. Dele beneficiarão igualmente os países desenvolvidos, interessados em que as trocas comerciais com a nossa zona se processem de forma rápida, eficaz e a preços competitivos.

A criação da Comissão de Transportes e Co-



Um aspecto do momento em que o Presidente Samora Machel pronunciava, ontem, o discurso de abertura da Segunda Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento da África Austral

mente vantajosa, assente na não ingerência e no respeito pelo direito de cada povo ao seu desenvolvimento independente.

Nesta marcha para a elevação do nível de vida dos nossos povos queremos a tecnologia moderna, a tecnologia do século XX, a tecnologia enriquecida pelos avanços da ciência na época em que vivemos. Queremos formar técnicos altamente qualificados e competentes.

Queremos assim, promover uma sã e real cooperação que possibilite o crescimento acelerado e estável das nossas economias.

Senhor Presidente,
Senhores Delegados,

A dimensão das tarefas que nos propomos para atingirmos o progresso, a auto-suficiência e o desenvolvimento desta zona da humanidade, constitui um desafio que os nossos povos estão decididos a vencer. Ele exprime-se na vastidão dos programas que pretendemos desenvolver, no esforço que envidamos para fazermos da complementariedade das nossas

comunicações da África Austral reflecte a importância que atribuímos à coordenação dos sistemas de transportes e comunicações, indispensável ao aproveitamento racional das infra-estruturas existentes e à implementação de novos projectos.

No espírito de cooperação económica e entreaduça que caracteriza a acção dos nove países da zona, julgamos que os países do litoral devem assumir a responsabilidade de criar condições necessárias para que os seus portos possam servir de plataforma de escoamento dos produtos de e para o hinterland.

É necessário, pois, que a capacidade das infra-estruturas existentes seja aumentada e que outras sejam criadas para que possam corresponder ao nível de desenvolvimento económico e comercial que se prevê.

A questão dos quadros é uma questão fundamental para o desenvolvimento dos nossos países. Impõe-se, por isso, a realização de vastos programas de formação de quadros essenciais à mate-

(Continua na pág. seguinte)

Inimigo da África Austral é o subdesenvolvimento

(Continuado da pág. anterior)

rialização e à continuidade de todos os nossos projectos.

Senhor Presidente,

Encontramo-nos reunidos nesta Conferência, porque o desenvolvimento da África Austral beneficia a economia mundial. O desenvolvimento económico dos países da África Austral é uma contribuição para o desenvolvimento da humanidade.

O aumento da extracção do cromo ou do carvão na nossa região interessa também aos países mais avançados. A produção do urânio, do alumínio, do petróleo, do gás, do açúcar, de fruta, do algodão e produtos alimentares, interessa a todos os países.

É na complementaridade das nossas acções, conjugando os recursos naturais que possuímos, com os meios tecnológicos e financeiros necessários, que criaremos uma base de cooperação sólida, frutuosa e rentável.

No quadro da complementaridade económica dos países desta zona, queremos desenvolver a indústria, criar a indústria de base, mecanizar a agricultura. Não pretendemos ser apenas os eternos fornecedores de matéria-prima.

Queremos promover o desenvolvimento das relações económicas e comerciais, no contexto da cooperação bilateral ou multilateral. Estamos em condições de avançar em projectos viáveis, a partir dos quais obteremos benefícios mútuos.

O avanço da área económica dos Nove Países,

livres da região criará condições de mercado mais favoráveis ao investimento numa escala economicamente mais atractiva.

A área económica a que nos referimos não é fechada. Hoje somos nove. Amanhã, certamente, mais países participarão. Assim, contribuiremos para a cooperação à escala do continente.

Trata-se de uma experiência que envolvendo Países com níveis de desenvolvimento desigual, e países de sistemas sociais diferentes procura estabelecer a plataforma de cooperação vantajosa para todas as partes intervenientes.

Senhor Presidente,

Para a República Popular de Moçambique esta Conferência tem um significado importante.

A República Popular de Moçambique é um país que edifica o socialismo, tendo de vencer o subdesenvolvimento legado por séculos de exploração colonial e agravado por dez anos de guerra colonial. O nosso processo de reconstrução nacional foi atrasado pelas destruições provocadas por cinco anos de agressão racista contra o nosso País.

Submetido à ocupação, oprimido, massacrado e agredido, o nosso Povo resistiu e lutou heroicamente para conquistar a liberdade e a independência e cumprir o seu dever internacionalista. Porque fomos forçados a viver longa e duramente a guerra sabemos valorizar a paz.

Hoje, após a independência do Zimbábue, o nosso Povo vive, pela primeira vez, uma situação de paz relativa, que nos permite concentrar os nossos

esforços no combate à fome, à nudez, ao analfabetismo, em suma, ao subdesenvolvimento que estamos determinados a vencer na presente década.

Valorizamos esta Conferência, valorizamos a cooperação que visa construir, porque ela manifesta o desejo de todos os nossos países edificarem o progresso, criarem bases para um esforço comum e mutuamente vantajoso na luta pelo desenvolvimento económico e social.

Entendemos a cooperação numa base de igualdade de interesses e de vantagens recíprocas. Por isso, não identificamos cooperação com ajuda.

Estamos preparados para iniciar e desenvolver acções concretas de cooperação nos diversos domínios com todos os países e organizações que respeitem a nossa soberania e independência, o nosso direito de decidirmos do nosso próprio futuro.

Os programas que serão analisados por esta Conferência são audaciosos, são programas que visam romper com o subdesenvolvimento na África Austral.

Os nossos povos estão determinados a vencer todas as dificuldades, todos os obstáculos que se levantam à materialização das suas legítimas aspirações à paz e ao progresso. Estão determinados a avançar no caminho da cooperação e do desenvolvimento.

Temos esperança de que esta Conferência constitua um passo significativo e novo no processo de transformação das relações económicas internacionais.

Pensamos que ela pode demonstrar a viabilidade

da criação de mecanismos concretos de cooperação numa base de igualdade e benefícios mútuos entre países e organizações internacionais, independentemente dos seus sistemas políticos e económicos e do seu estágio de desenvolvimento.

Façamos da nossa Conferência um passo importante para o sucesso do esforço conjugado das nossas capacidades e potencialidades. Tornemo-la uma clara demonstração dos nossos justos objectivos e dum engajamento comum na construção duma cooperação exemplar, rica de soluções imaginativas e eficazes, em benefício de todos os povos. Saibamos aqui identificar a fome, a nudez, a doença, a miséria, a ignorância como o exército inimigo e traçar a estratégia comum para o derrotar.

Nesta zona, onde a exploração foi mais cruel, onde a dominação assumiu maior brutalidade, onde o racismo teima ainda em sobreviver, é grande a responsabilidade de todos nós em construirmos as bases sólidas dum futuro de liberdade, de progresso, de justiça social e de paz, um futuro de bem-estar para os nossos Povos.

Esta Conferência deve constituir, pois, uma contribuição positiva para o esforço mais geral por criação duma nova ordem económica internacional justa e equitativa.

É neste espírito que renovamos as boas-vindas a todos os delegados e desejamos bom trabalho e os maiores sucessos à 2.ª Conferência da Cooperação dos Países da África Austral.

**A LUTA CONTINUA!
MUITO OBRIGADO**

CHEGOU A HORA DA COORDENAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL

— Intervenção de Peter Mmusi que preside aos trabalhos da SADCC-2

Em resposta ao discurso inaugural proferido pelo Presidente Samora Machel, e dando início aos trabalhos da SADCC-2, o seu presidente, o Ministro das Finanças e do Desenvolvimento do Botswana, Peter Mmusi fez a seguinte intervenção:

Senhor Presidente
Senhores Ministros
Colegas e Ilustres Convidados

O meu primeiro e agradável dever é o de agradecer ao Presidente Machel o seu inspirado e estimulante discurso que acabamos de ouvir. Tenho a certeza de que nos inspirará e estimulará nos dois dias que se seguem. A nossa gratidão e reconhecimento são também devidos ao Presidente e ao Governo e Povo de Moçambique pela muito calorosa e honrosa recepção que todos recebemos em Maputo.

Ao longo dos diversos meses que duraram os preparativos desta Conferência tive o privilégio de vir a Maputo diversas vezes. Em cada uma delas fiquei enormemente impressionado pela constante cortesia do Povo moçambicano e pelo entusiasmo, seriedade e força de vontade de todos com quem tive de tratar no Governo moçambicano.

A minha fé na vitalidade da SADCC foi, por isso, amplamente reforçada. Todos os Governos membros da SADCC sabem pela própria experiência o excessivo esforço imposto ao Governo hospedeiro por uma Conferência internacional desta natureza, sobretudo nos seus recursos humanos. A excelência dos arranjos feitos por Moçambique testemunham os enormes esforços já realizados.

Aqui em Maputo, nos próximos dois dias, nós os da SADCC, promoveremos o nosso primeiro maior passo na implementação da Declaração e Programa de Acção, acordados pelos nossos Chefes de Estado e de Governo na sua Cimeira de Lusaka, em Abril.

Julgá apropriado realizar-se esta Conferência em Maputo. A independência de Moçambique em 1975 foi um ponto de viragem para todos os povos da África Austral. A vitória da FRELIMO tornou possível esta Reunião e o nosso movimento para o desenvolvimento da coordenação.

Depois de tantos anos de luta seria compreensível se o bravo povo de Moçambique descansasse. Em vez disso, os moçambicanos, sob a direcção do Presidente Machel, voltaram as suas atenções não apenas à reconstrução do seu País, mas também — e a custo elevadíssimo — ao apoio à luta pela libertação do Zimbábue. A conquista da independência e do Governo de maioria no Zimbábue deu um formidável impulso à cooperação regional numa vasta gama de actividades. Em especial criou as possibilidades para a coordenação no planeamento dos transportes e comunicações, um dos mais significativos temas deste encontro.

Chegou a hora da Coordenação para o Desenvolvimento na África Austral. É o reconhecimento da comunidade internacional de novas oportunidades para o desenvolvimento coordenado dos Estados independentes da África Austral que explica a presença aqui de tantos amigos de fora da nossa região. As circunstâncias específicas da África

Austral dão significado especial a esta demonstração de interdependência global. A vitalidade própria dos nossos povos foi, por longo tempo, sabotada pelo histórico processo do subdesenvolvimento. E hoje, embora os países da África Austral aqui representados tenham visto o fim da dominação colonial, os modelos do subdesenvolvimento e da dependência estabelecidos num período anterior, ainda persistem.

Persistem, acima de tudo, por causa da dominação da República da África do Sul em muitos sectores da actividade económica na nossa região. Em variados graus todos nós estamos, adversamente afectados pelos injustos efeitos que os países membros da SADCC à África do Sul — nos transportes e comunicações, nos investimentos, no comércio, no tráfego de mão-de-obra.

Por isso, a luta pela paz e pelo progresso para os nossos povos não pode ser separada da luta para reduzir a nossa dependência, e, em especial, a nossa dependência do poderoso vizinho cuja política racista é inaceitável não apenas para a África, mas também para toda a comunidade internacional.

Todos os Governos aqui representados procuram paz e progresso para os seus povos. Temos de reconhecer ser impossível o progresso sem paz, e, a longo prazo, paz sem justiça — justiça interna e justiça entre nações. E a busca de paz e de justiça na nossa conturbada região da África Austral tem desafios especiais — desafios que todos nós aqui, de onde quer que venhamos, estamos dispostos a vencer.

Sabemos que a solução ao desafio devido à intransigência dos arquitectos do apartheid não se encontrará da noite para o dia. Entretanto, a África Austral livre tem o direito de registar a cooperação da comunidade internacional na protecção dos nossos povos das consequências dessa intransigência. Um progresso melhoramento das condições de vida dos nossos povos — em alimentos, habitação, educação, emprego — é um elemento essencial no processo complexo de se conseguirem mudanças na própria África do Sul.

Além disso, à necessidade urgente de restaurar as destruições de guerras recentes acrescem a enormidade das nossas carências. O que procuramos em Maputo é o reconhecimento internacional dessas carências e o compromisso resoluto por políticas e processos comensuráveis com aqueles.

No desenvolvimento dessas políticas e processos há necessidade de estabelecer prioridades. A criação da SADCC é uma afirmação clara dos Governos e Povos da África Austral de que somos nós quem deve determinar essas prioridades. Desejamos afirmar claramente à comunidade internacional estarmos prontos a cooperar activamente com as outras nações que partilham este planeta.

Temos uma mensagem especial para o mundo industrializado. Reconhecemos a vossa necessidade de acesso a recursos sob o nosso domínio. As vossas

necessidades e as nossas necessidades, em conjunto, são uma base sólida para a cooperação. Não apenas nas vossas condições. Mas na base de acordos livremente negociados entre iguais. Tornámo-nos isso claro desde os primórdios e a vossa presença é a evidência de que esse espírito há-de orientar as nossas discussões nos próximos dois dias.

Permitam-me agora, dizer algumas palavras, sobre a nossa ordem de trabalhos. A nossa primeira prioridade são os Transportes. O desenvolvimento da cooperação em quase todos os sectores depende de um apropriado sistema de transportes e comunicações. Precisamos de coordenar a utilização dos nossos meios actuais. Precisamos de reconstruir e restaurar infra-estruturas danificadas ou abandonadas durante conflitos recentes. Precisamos também de alargar a nossa liberdade de escolha, para expandir as acções postas à nossa disposição para o encaminhamento do nosso comércio com o mundo exterior. Esse é um elemento crítico para reduzir a nossa dependência e tornar-nos menos vulneráveis às consequências danosas do perpetuar do racismo e do governo de minoria na África do Sul.

O alargar das nossas escolhas no desenvolvimento económico, o aumento da nossa autoconfiança regional — não apenas na suficiência alimentar, no desenvolvimento dos nossos recursos minerais e na potencialidade da nossa indústria para exportação — tudo depende da mudança dos modelos de transporte e comunicações. Estamos determinados em conseguir que o nosso sistema de transporte reflita os nossos interesses, não careçam de projectos de prestígio, aeroportos parados ou estradas vazias e linhas férreas nada transportando para ponto algum. Sabemos não ser fácil obter capitais. Por isso buscamos, nesta fase, os meios necessários para propósitos essenciais com base na interdependência regional.

Os transportes são um meio com uma finalidade. Os alimentos são por si um fim.

A auto-suficiência nacional na produção de alimentos-base é um objectivo planificado e prioritário comum a todos os países da SADCC. A cooperação regional no apoio e aumento da produção e um sistema regional de suficiência alimentar foram objecto de intensas consultas entre nós.

Vamos submeter à vossa consideração os primeiros resultados dessas consultas, as vossas prioridades iniciais nos domínios da suficiência alimentar. Cedo leremos outros planos para discutir com os nossos parceiros internacionais destinados a conduzir não só à nossa auto-suficiência alimentar mas eventualmente também à exportação de excedentes.

As nossas consultas iniciais em agricultura desvendaram problemas como cultura desvendaram problemas como os do combate às epizootias e à cooperação técnica na conservação do solo e seu manuseio onde podemos fazer mais para nos ajudar, sem recurso a entidades externas.

E outras áreas para acção cooperativa existem — o desenvolvimento dos recursos humanos, a coordenação industrial, a consulta sobre o desenvolvimento

to e utilização das nossas consideráveis potencialidades energéticas — são parte do programa de trabalhos em que nos empenhámos, cujos resultados serão apresentados em data ulterior.

Ao partilhar esses planos convosco estamos, naturalmente, interessados em discutir como uma acção cooperativa para o desenvolvimento regional da SADCC pode tornar-se uma realidade viva — como podemos assegurar a evolução de conceitos em projectos e a implementação desses projectos.

Para o sector dos transportes e comunicações estabelecemos a Comissão dos Transportes e Comunicações para a África Austral. Actuará como um elo técnico e coordenador entre os países membros da SADCC e dos cooperantes internacionais em questões de financiamento, de especificações de projectos e da transferência de tecnologia. Encaramos o imediato início das discussões técnicas necessárias para se conseguir o acordo sobre o projecto e seu financiamento. Neste campo, portanto, a mais urgente necessidade é o preenchimento de pessoal técnico da Comissão. Este é um dos projectos que eu recomendo sinceramente à Conferência.

Nos domínios da Suficiência Alimentar, o Governo do Zimbábue aceitou o encargo, em nome de todos nós, de assegurar as medidas necessárias para uma rápida implementação dos projectos por nós aprovados.

É minha esperança e expectativa que esta Conferência assinalará um novo ponto de partida no desenvolvimento das relações internacionais. Temos a oportunidade de criar estruturas simples de consulta e acção para o desenvolvimento no interior da região que fundirão os nossos próprios recursos humanos e materiais com as contribuições de economias industriais, de economias com saldos positivos nas estruturas do balanço de pagamentos, com economias de recente industrialização e com instituições financeiras para o desenvolvimento global e regional. Não é tarefa fácil mas, a presença de todos nós aqui hoje indica — e acreditamo-lo — não ser impossível.

A SADCC refez-se, deliberadamente, e continuará a refez-se, de criar instituições sofisticadas, com muito pessoal; estamos todavia preocupados em conseguir a coerência e a consistência e em mantê-la na cooperação. Acima de tudo desejamos garantir que no processo de interligar projectos a fontes de financiamento, as áreas e actividades-chave não foram ignoradas ou omitidas.

Se formos diligentes, imaginativos e mutuamente tolerantes poderemos criar modelos de cooperação que não só farão progredir o desenvolvimento da África Austral mas também dar um exemplo capaz de um amplo significado internacional. Proponho para fazermos desse, o objectivo da Conferência.



O Presidente Samora Machel recebeu na tarde de ontem, em audiência, os chefes de quatro delegações que participam nos trabalhos da SADCC, a decorrer desde ontem na capital moçambicana. Deste modo, foram recebidos pelo dirigente máximo da nossa Revolução, o Vice-Ministro do Comércio Externo da RDA, Peter Schmidt, o Comissário para o Desenvolvimento da Comunidade Económica Europeia, Claude Cheysson, o Secretário de Estado para a Cooperação do Ministério dos Negócios Estrangeiros da França, Oliver Stirn e o Ministro do Desenvolvimento do Ultramar do Reino Unido, Mel Marten. Todos os visitantes receberam pelo Presidente Samora Machel expressaram, na ocasião, a sua satisfação por terem sido convidados a participar neste importante encontro e manifestaram-se dispostos a contribuir com os meios ao seu alcance para que os nove países da África Austral logrem atingir os objectivos que se incumbiram materializar. Manifestaram-se também a favor de que a presente Conferência de Maputo termine em sucesso. As gravuras referem-se aos encontros. Assim, de cima para baixo, podemos ver o Presidente Samora Machel recebendo Peter Schmidt, Claude Cheysson, Oliver Stirn e Mel Marten.

REPORTAGEM DO "NOTÍCIAS"

Telefones Directos: 23136, 23418
Serviços gerais: 24081/2/3